

O Jovem — Seu Tempo — O Emotivo — O Combatente Social

José Valdivino

O JOVEM

SINOBIILINO PINHEIRO MAIA, natural de Jaguaribe-Mirim, Ceará, onde veio à vida no dia nove de dezembro de mil novecentos e dezesseis, na fazenda da Carrapateira. Filho legítimo de Cesário José da Silva e Maria das Dores Pinheiro e Silva.

Fez exames de admissão no ginásio, no Colégio Cearense do Sagrado Coração, dos Irmãos Maristas, de que foi aluno distinto. Em mil novecentos e trinta e oito, já cursava a Faculdade de Direito do Ceará, era Secretário Geral do Colégio Cearense e professor de História da Civilização do Colégio Estadual do Liceu do Ceará.

Na tarde de um sábado do dia seis de agosto de mil novecentos e trinta e oito, indo a Maranguape, fazer uma conferência na *baratinha* de um amigo, ao chegar à extinta curva do S (Cágado), o veículo capotou, matando-o instantaneamente.

O corpo saiu da residência da família Benjamim Tôres (hoje, sede do Ícaro-Clube) numa luminosa manhã de domingo, debaixo da maior consternação popular.

Fortaleza assistiu-lhe ao sepultamento, ruas e avenidas repletas de gente. Intransitáveis as imediações do Cemitério de São João Batista.

Bela e comovente consagração de um povo a um moço de vinte e dois anos!

A ÉPOCA

O ano de mil novecentos e vinte e nove distanciava-nos, do campo da expressão mental, da filosofia de Rocha Lima e das influências da PADARIA ESPIRITUAL.

Novos eram os forneiros e diferentes os pães a amassar. O trabalho recristianizador do Pe. Júlio Maria começou a oferecer os bons frutos — TRISTÃO DE ATAÍDE, JACKSON DE FIGUEREDO, DURVAL DE MORAIS...

Jackson e Tristão chegavam até nós pelos seus livros, no combate aceso contra o liberalismo dominante. Monsenhor Tabosa Braga, pelo órgão católico recém-fundado "O NORDESTE", aparecia, com seu formidável apostolado, contra a propaganda bolchevista.

Padre Hélder Câmara, Severino Sombra, Paulino Moraes, Manuel dos Santos, Nana Vieira, Osório Campos Uchoa, SINOBILINO PINHEIRO, a União de Moços Católicos, o Integralismo — eis a barreira formidável que o ambiente intelectual de Fortaleza viu terçar armas, dia e noite.

Em mil novecentos e vinte e nove, o Movimento Monarquista começou a aparecer, graças à propaganda que vinha de São Paulo. Até em uma das dependências da Sé, o então Pe. Hélder dava aulas animadíssimas de Filosofia e Sociologia.

O operariado era a grande meta. A revolução de mil novecentos e trinta encontrou, no Ceará, essa ebulição de cultura, onde uma juventude sedenta de novos rumos, vergada sobre os livros, imprimia ao pensamento do Nordeste renovada feição.

Até no austero e venerando Seminário de Fortaleza a aura rejuvenescedora teve adeptos, na pessoa do diácono José

Rufino de Aquino, oriundo, também, de Jaguaribe-Mirim e prematuramente falecido.

Foi esse seminarista o orientador de SINOBILINO. Ele próprio o confessa: “Duas vezes mais velho do que eu, arrancou-me, em mil novecentos e vinte e nove, aos carinhos paternos para enjaular-me num colégio religioso.

Ali visitava-me ele nas saídas mensais do Seminário, e os dois conversávamos horas inteiras.” (*Fragmentos*, pág. 19)

Data de mil novecentos e trinta e um a cooperação eficiente de SINOBILINO ao movimento espiritualista em Fortaleza.

O campo, tão bem preparado, atraiu o espírito combativo e nervoso de SINÓ! Chegou a ser orador que arrebatava, pela força convincente dos argumentos, pela extraordinária facilidade de expressão.

Era um estudioso. Estudioso e de ponto assinado na luta diária. Lia com avidez Tristão, Jackson, Pascal.

“É com o valoroso convertido sergipano, a quem não permitiu Deus que eu conhecesse pessoalmente, que se inicia para mim o alvorecer radiante dos dias novos.”

(*Fragmentos*, pág. 21).

Com o tempo e à força de acontecimentos posteriores, a trepidação dos primeiros dias diminuiu. “Passada a fase ígnea dos entusiasmos inúteis, das loucuras turbulentas, é que, olhando para dentro de mim, numa observação introspectiva, reli, na lousa da memória, o trecho magnífico e de um sentimento profundo, que me prendeu a atenção no *Canaã* de Graça Aranha: “As eternas, as santas, as meritórias criações do espírito e do coração, são geradas nas forças misteriosas e fecundas do silêncio.”

(*Fragmentos*, pág. 27).

Chega até a recomendar: “Fugi, e recomendo aos de minha idade que fujam à política de fim imediato ou não, à política militante, porque, como tal, ela nos absorve, um tem-

po enorme, tão precioso e necessário à formação da Cultura que nos há de servir em todo o percurso da jornada terrena, e à educação do Espírito, que apenas desperta para o vôo condoreiro através das esferas infinitas do Saber e da Arte."

(*Fragmentos*, pág. 27).

O besouro ia procurando a corola da flor, para a quietude do estudo... Esse processo de acomodação parou de súbito, na tarde de seis de agosto de mil novecentos e trinta e seis, com o desastre de automóvel em que pereceu.

As letras cearenses perderam, em SINOBILINO, uma fulgentíssima inteligência e, em futuros dias, pena de apreciável valor.

BIBLIOGRAFIA

SINÓ escreveu alguma cousa, que ficou como comprovante da sua marcha intelectual. Em mil novecentos e trinta e cinco publica "XERÉM". São versos. O sociólogo aparece como poeta.

Era o seu fenômeno psicológico, porque "criado na calma do campo, entre a serra majestosa, erguendo para o alto o perfil azulado, e o Jaguaribe sombrio, sobre as rochas, uivando, como um possesso; entre a poesia de tardes evocativas e a melancolia de noites serenas".

(*Fragmentos*, pág. 25).

FRAGMENTOS aparece em mil novecentos e trinta e seis.

É seu discurso de posse, no Centro de Iniciação Cultural, na cadeia 21.

EVANGELIZAÇÃO (versos) é obra póstuma, vindo à luz em mil novecentos e trinta e oito. O editor Edésio anunciava, então: PAISAGENS e ANTOLOGIA DE MINHA GERAÇÃO, que ainda não vieram a lume. O próprio autor anunciava em mil novecentos e trinta e seis, JAGUNÇO (romance regional), BECO DOS POCINHOS (crônicas cearenses), CATEDRAL (versos).

Nada disso a morte inesperada do jovem poeta deixou ter publicidade. Não sei onde estão os originais desses trabalhos. Talvez, mão carinhosa guardou-os e pretende pô-los em letra de forma.

Será largo benefício à memória do ilustre jovem.

TENTATIVA DE CRÍTICA

XERÉM — o nome do livro — é insólito, recebendo a re-provação de Antônio Sales, que o prefaciou. O Autor justifica-o:

“Versos!

Migalhas da alma que também
indigestou de tanto sofrimento,
de, no pilão da Dor ser triturada,
e, hoje em dia, em pedaços dividida,
quer ser das outras almas alimento,
quer fornecer de seu xerém a cada
coração e às outras vidas — vida!”

Entre chistoso e filósofo, quer que seus versos sejam xerém para as almas e vida para as outras vidas. Mesmo assim, sob a metáfora dessa denominação, SINOBILINO imprimiu, no seu livro, a impressão de duas asas inspiradoras: Cruz e Sousa e Augusto dos Anjos.

Quem o conheceu e com ele privou, bem sabe da sua personalidade: nervoso, forte, alma franca, espírito ágil, alegre, vivo. Sua nostalgia era introspectiva. Depois, com o estudo e a experiência, tornou-se um inadaptado à época.

No seu DIÁRIO, jamais publicado, escreveu: “Amo a Dor, pela grandeza de sua significação para os fortes. Amo a Dor, a Grande Dor. Ela é para mim como u’a mãe. Mãe espiritual. Escala de Virtude. Fornalha ardente de Sabedoria e de Fé. Bendigo a Dor pelo que de fecundo ela realiza nas almas crentes.”

(*Fragmentos*, pág. 32.)

E depois de transcrever o célebre soneto *Crê!* do *Cisne Negro*, diz: “Falei dessas almas admiráveis, desses nomes queridos, que brilharão para sempre no céu da minha memória.”

(*Fragmentos*, pág. 34).

Na página trinta e quatro do “XERÉM” dedica um soneto a Augusto dos Anjos:

“Escravo branco de cabelos brancos,
Sifilítico e só, na flor dos anos,
és o retrato da Tuberculose!”

Em “AMOR NEGRO”, que é um majestoso poema alexandrino, cuja argamassa parece ser de granito, canta:

“Eu sinto no meu peito um mundo de paixões,
um mar de desesperos e alucinações,
uma corrente de mágoa, uma ânsia, um cataclismo,
um grito de revolta e morte à burguesia,
que, explorando o operário, apressa, dia a dia,
da Humanidade inteira os passos para o abismo.”

(*Xerém*, pág. 4)

Justifica essa imensa inquietação que lhe perpassa na alma, “porque de nada vale a vida prá quem ama,
não como o astro, em luz, mas como o verme em lama!”

(*Xerém*, pág. 42)

Augusto dos Anjos e Cruz e Sousa ajudaram na composição do soneto “SUBTERRÂNEO”. Vence, porém, o senso de espiritualidade de Cruz e Sousa:

“Quando a Morte vier com suas garras
estrangular-me as carnes e os tecidos,
e os vermes vis passearem divertidos
por sobre o corpo meu fazendo farras;

quando estiver no rol dos esquecidos,
sem mulheres, sem vinho, sem guitarras,
repleto de emoções fortes, bizarras,
as mãos e os pés e o rosto apodrecidos,

lembrando a invulgaríssima ternura
de uns olhos invulgares, pequeninos,
que me deram ventura transitória,

hei de exaltar ainda a Formosura,
hei de ainda cantar estranhos hinos
à Luz, ao Som, ao Bem, ao Belo, à Glória!"

(*Xerém*, pág. 29)

Incontestavelmente, as gamas simbolistas aí estão, vivas, palpitantes. Os nomes abstratos tornam-se próprios: *Morte, Ternura, Formosura, Luz, Som, Bem, Belo, Glória*. E o Autor do "EU" tem sua parte em "vermes vís," "as mãos e os pés e o rosto apodrecidos".

Seu ardor espiritualista brota, rompante, num sabor de epopéia, em "VISÃO INTERIOR", decassílabo ardente, de extraordinária beleza musical:

"Esse amor puritano que estremece
bem dentro do meu ser, estultamente,
de dia para dia, aumenta e cresce,
na direção do Céu, verticalmente.

É como um astro luminoso e quente,
onde cada molécula parece
rezar, rezar incompreendidamente,
a mais sentida e fervorosa prece.

Amor de mártir, forte e impetuoso,
que a alma da gente impregna de ardências,
num profundo sentido de tragédia.

Amor que é vinho, amor que é luz, que é gozo,
candeia que ilumina as consciências,
sentimento que herdei da Idade Média!"

(*Xerém*, pág. 89).

A expressão *Idade Média* não é mero recurso de rima. SINÓ, em sociologia, era medievalista, tendo dissertado, sobre o assunto, no órgão monarquista de Fortaleza, "O Império".

Foi ponderável a impressão que lhe deixou no espírito a convivência com Cruz e Sousa. No soneto "O FORTE", os dois tercetos trazem o sinete do Autor de "Últimos Cantos":

"Bem mais feliz, no entanto, é quem, perdido
no tenebroso mar do Sofrimento,
entre monstros, corais, rochas e lodos.

permaneceu de pé, com o rosto erguido,
sem um gesto sequer de desalento,
a tudo rindo e abençoando a todos."

Abeberou-se o jovem poeta naquele TRIUNFO SUPREMO de Cruz e Sousa:

".....
É quem entrou por todas as batalhas
As mãos e os pés e o flanco ensanguentado,
Amortalhado em todas as mortalhas.

Quem florestas em mares foi rasgado
E entre raios, pedradas e metralhas,
Ficou gemendo, mas ficou sonhando!"

(Cruz e Sousa. *Últimos Sonetos*. pág. 226).

"O CAVALHEIRO ETERNO" é um poema de construção métrica irregular, de sentido místico, bem próprio da sua temática. Todo o clima da poesia é condoreiro, lembrando mesmo Guerra Junqueiro, com a sua roupagem de cores vivas e retumbante sonoridade.

O início é rico de onomatopéias:

“Os sinos repicaram:
dam! dim! dam!
Os clarins cangloraram:
ta-ri-lá-rá!
Os canhões ribombaram:
bum! bum!
E os soldados garbosos perfilaram:
paf!
em homenagem real, em continência
à personalidade original
de Sua Excelência
o Cavalheiro Eterno...”

(*Xerém*, pág. 109)

E o *Cavalheiro Eterno* se apresenta, num linguajar que bem recorda o Autor d’“A Velhice do Padre Eterno”:

“ — Não tenho pátria. Não! Prescindo das bandeiras!
Ora, vivo na Austrália, a escutar o seu hino,
ora, canto feliz, num solfejo argentino,
a beleza sem par das Selvas Brasileiras.”

.....

“ — No tempo de Moisés e do Profeta Elias,
já eu, bardo feliz, engendrava Poesias.
Convivi com Platão, na Grécia, estive em Roma,
ensinando a Virgílio o meu estranho Idioma.”

Por fim, o Cavalheiro identifica-se:

“ — Curvai-vos, filhos meus, que eu sou o próprio
[Amor,

o Amor Transcendental, o Amor das Almas Grandes, que brota no Himalaia e que estremece os Andes, que prende os corações, como algemas de bronze, desde o Papa São Pedro ao Papa Pio Onze!”

(*Op. Cit.*)

O EMOTIVO

SINOILINO expôs, no XERÉM, não só o fogo bizarro da sua poesia social e filosófica. A policromia da emotividade que lhe embalava o coração rebenta também, aqui e ali, nas páginas respeitáveis do livrinho de estréia do vate jaguaribano.

SONS é um alexandrino de maga sensação emotiva. O verso é regular, cantante, envolvendo o tema numa doce musicalidade:

“Quando o sino da aldeia, este sino lendário,
enche de sons o espaço azulado e vazio,
numa tardinha triste, assim como um sudário,
eu vou contar chorando o meu tormento ao rio.

E enquanto o brônzeo vate, além, no campanário,
entoa árias de inverno e sonatas de estio,
vocifera em meu peito, ardente, tremultuário,
um Vulcão de Saudade, um Vesúvio bravio.

Rola o rio rezando altiloqüentes ritos.
E das águas ouvindo a melodia santa,
e do sino escutando a harmonia sonora,

é como se eu sentisse, atendendo aos meus gritos,
— em cada nota aguda, uma Virgem que canta,
— em cada nota grave, um Poeta que chora!”

— Bela figura de aliteração: “Rola o rio rezando altiloqüentes ritos”.

O segundo quarteto do soneto "BRANCA" apresenta também maviosos sons aliterantes:

"Tem no olhar cintilante os estilhaços
de todas as pedrarias orientais.
E a magia e o ruído de seus passos
São sibemóis de sistros divinais.

(*op. cit.* 103)

Tanto a luz do olhar de Branca e o ruído dos seus passos estão muito bem gravados no verso. SINÓ não esqueceu, no seu tema emotivo, a saudosa terra natal. Em quinze estrofes decassílabas cantou com a sincera afeição que a sua grande alma possuía, a saudosa vida de criança, tão festiva e feliz.

Essa poesia é a resultante lógica do que externou em *Fragmentos*: "Rebento de uma árvore imensamente triste e circunspecta, que é meu pai,, entre ovelhas evangélicas e vacas lacrimosas aumentou mais em mim a tendência contemplativa."

(*op. cit.* 25)

"VOZES DO PASSADO" é um canto irmão dos de Casimiro de Abreu, pela tonalidade rítmica, pela concepção, pela singeleza e bucolismo:

"Bem por trás daquela serra enorme,
que a gente vê daqui — formosa serra —,
nessa noite de lua, humilde, dorme
a minha amada e pequenina Terra.

Olhando, às vezes, para a meninice,
que passei distraído na fazenda,
tenho a alma a sambear, como se ouvisse
histórias de Trancoso, alguma lenda.

.....

Como era bom de ver, nas madrugadas,
o burburinho dos caboclos rudes,
e ouvir da infância alegre as gargalhadas,
nos doidos cangapés pelos açudes. . .

Cantava o rio de água cintilante,
beijada pelo vento das manhãs,
e sobre a milharada vicejante
dansava o bando das maracanãs.”

(*Xerém*, pág. 60).

Depois, a segunda parte da poesia é uma mensagem de funda mágoa, uma nota de desconforto em face do contato com a civilização:

.....

“E embora na metade da jornada,
como um velho baú de desenganos,
sinto o vácuo das crenças na alvorada
dos meus insulsos dezenove anos.

Torturada existência de que, cedo,
deixou a paz augusta do sertão,
e tentou embrenhar-se no segredo
do que se chama civilização.”

E conclui o poema, numa aspiração de retorno à saudosa Canaã dos seus sonhos, onde “sobre a milharada vicejante dançava o bando das maracanãs”:

“Volta, minha alma, para o campo triste,
foge a esse mundo de frivolidades,
que a ventura sonhada nunca existe
no cosmopolitismo das cidades! . . .

(*Xerém*, pág. 62)

QUEIXAS é um soneto que não vem estampado na edição do XERÉM. Publica-o o escritor Hugo Victor, na página 183 do seu "SONETOS CEARENSES".

São os sentimentos do amor, esse misterioso gesto do coração, na mocidade. O Poeta não poderia deixar de render a homenagem a Cupido. Fê-lo, porém, com a dignidade cristã que lhe disciplinava o espírito.

Seus madrigais não têm a libido de Bilac, mas a castidade de Casimiro:

"Eis-me com teu retrato em minha frente.
Há na expressão do olhar amor e vida,
mas noto que estás muito retraída
e dos primeiros dias diferente.

Mudaste, minha amiga. Antigamente
se eu te falava "adoro-te, querida,"
tinhas sempre uma frase colorida
para atender ao galanteio ardente.

Hoje, nem mais me escreves... Ignoras
o valor de um bilhete para quem
vive saudosos e só, tal como eu vivo.

E não sabes que os séculos são horas
quando lemos as cartas onde vem
escrito o verbo *amar* no indicativo."

(*op. cit.*, pág. 183)

EVANGELIZAÇÃO

SINOILINO não pertenceu à escola literária, de modo especial. XERÉM possui de tudo: verso tradicional e formas modernistas. Sua poesia funciona como espontâneo porta-voz da alma. Batizou, assim, o livro, porque entendeu que era o que melhor servia.

Quando o assunto lhe dava oportunidade usava termos prosaicos — *baú, cangapé*. . . Queria a expressão. E só.

A primeira edição desse livro póstumo veio à publicidade, graças ao espírito compreensivo do Sr. José Edésio de Albuquerque e a do Centro Estudantal Cearense, que, em nota explicativa, esclarece: "... seu resultado financeiro destina-se a nobre fim, visto ser desejo do Centro Estudantal levantar uma herma em praça pública ao talento que tão cedo e bruscamente se finou." (*sic*, pág. 11) São volvidos mais de vinte anos, e essa herma não foi vista ainda em nenhuma praça pública de Fortaleza. . . Ilustra a capa uma gravura representando São João Evangelista — que era moço mas que o artista pintou-o velho e barbudo. . . Encima a figura uma passagem do seu evangelho: "*Ainda tenho muita coisa a dizer-vos*".

Seria um prenuncio? . . . Tanta coisa, decerto, nos reservava a lúcida inteligência de Sinó! . . .

EVANGELIZAÇÃO retrata os sentimentos d'alma do autor, a evolução por que ia passando o espírito, que se ilustrava mais e mais. Predomina o senso da responsabilidade intelectual, tendências sociológicas, soluções de problemas, tudo borrifado com um cheiro de cristianismo, se bem que platônico.

Todos os poemas são edificadas em forma modernista, "para provar aos modernos, que também sei fazer poesia modernista!" — disse-me ele um dia. Não garanto se acertou, conforme a opinião do crítico lusitano Manoel Anselmo. A linguagem é fácil, dúctil, muito espontânea. O primeiro poema, homônimo da obra, começa:

"Reza o livro de Deus, o evangelho de Marcos,
que os pães eram só 7, e as boca, 4 000.

Mas Jesus — o louro pai de todas as ciências,
benzeu, multiplicou e dividiu os pães com o povo
[que o seguia.

Folheando o evangelho eu penso no Brasil.”

Faz uma apreciação larga sobre as possibilidades econômicas nacionais:

“A terra aqui é boa:
os cafezais escuros de São Paulo,
os verdes canaviais pernambucanos,
o algodão alvinho das margens do Seridó,
as laranjas douradas da Bahia,
as carnaúbas cinzentas do Ceará
que guardam como vestais e solidão das várzeas,
os bois tristes e evangélicos do Piauí,
que mandam para o céu em tons lentos e graves
o quirieliêson nostálgico da espécie,
as florestas do norte e os pinheirais do sul,
— tudo atesta que a terra aqui é fecunda e
[bondosa”.

Conclui o poema, interrogando:

“Entretanto, se diz que há carência de pão...
Quem vai multiplicar os pães do meu Brasil?”

(*op. cit.* 12)

“EPOPÉIA” merece realmente esse título. Trabalho de mestre, pela dinâmica, é um substrato da sua alma de combatente, disposta a grandes lances de ação.

“Quando o forte caiu gemendo na tarde do último
[dia
o céu escureceu e enlutou-se de nuvens pesadas,
e um augusto silêncio envolveu como um lençol
[macio
o cenário do drama em que o forte era mártir.”

A poesia é concluída com muita arte, numa demonstração de sentimento patriótico:

“E quando o lençol macio do silêncio se despregou
[do semblante do forte,
trazia impresso em si — que excelso simbolismo! —
um rosto humano? Não: o mapa ensanguentado do
[Brasil!”

(*op. cit.* 27)

Seu tema angustiante é o problema social do trabalhador. A força expressional do poeta comove-se ante o motivo da sua predileção. No “FRAGMENTOS” disse:

“Liderei, até bem pouco tempo, organizações proletárias, tarefa que resolvi abandonar, apesar dos benefícios a mim prestados, pelo contato direto com os pobres, com os humildes, no seio dos quais adquiri conhecimentos de psicologia experimental, que não me forneceriam, talvez, todos os compêndios existentes na matéria.”

(*op. cit.* 26)

Daí, a trepidante poesia DESTINOS:

“Crescei e multiplicai-vos, proletários,
filhos de Adão e Eva, irmãos da burguesia,
galhos do mesmo tronco, braços do mesmo corpo,
carne da mesma carne, sangue do mesmo sangue.

Crescei e multiplicai-vos para a tristeza.
Em vão pedireis justiça à humanidade
porque ela é a incarnação mesma do insensível
e se desumanizou na encruzilhada dos destinos.”

E termina o canto imprimindo-lhe uma nota de desolação: “. . . e sereis sempre as almas miseráveis,
as almas triste, as almas pobres, as almas nuas,
que passam carregando lentamente
o cadáver do sonho pelas ruas. . .”

(*op. cit.* 22)

Franqueza e sinceridade eram duas virtudes que emolduravam o caráter de Sinó Pinheiro. Esse poema reflete o que lhe ia no espírito, sempre retro e desassombrado. A muitos, decerto, pareça rude o linguajar do poeta. É que, embebido de ação reativa contra o liberalismo do tempo e espíritos acomodados a ele, o poeta-dinâmo reagia contra a situação, toda vez que se lhe dava oportunidade. Aí está a razão pela qual o sociólogo Djacyr Menezes disse dele, no seu artigo "A poesia de Sinó Pinheiro": "Eu fui sempre inimigo de poetas choramingas. Por isso mesmo gostei da poesia de Sinó Pinheiro. É, acima de tudo, sincero, espontâneo".

Essa sinceridade, de fato, reponta em *Canaã*:

"Estes campos são fecundos
como os seios da mulher
proletária.
Estes frutos são gostosos
e estas flores têm perfume
de amor."

(*op. cit.* 34)

Em ITINERÁRIO, que considero, pelo tema, a melhor produção modernista do poeta, palpita, latente, a arraigada consideração pelo operário, pelo trabalhador, pelas suas aspirações e pobreza. O tipo central é o trabalhador brasileiro, que, abandonado, enfrenta, sozinho, os próprios problemas. A ação começa sem preâmbulos:

"Demanhãzinha.
O homem meteu o chapéu na cabeça e disse:
"— Vou já procurar o pão de cada dia."
E foi e andou por mares sempre dantes navegados
mas não arranjou nada porque tinha nascido para
[ser pobre.
Então resolveu ser judeu errante no século do
[automóvel."

Presta homenagem à raça e a um problema nacional: a bacia amazônica:

“Paris, museu de Louvre. Ante a Vênus de Milo
o homem parou refletindo encantado:
“— Naturalmente esta jovem era brasileira.
Lá é que a raça é assim tão formosa
mas, coitada, não tem como esta bela imagem
braços para desvirginar a planície amazônica...”

Agora, um gracejo leve e irônico:

“Espalham que o Vesúvio é comunista
e só não faz de Roma o que fez de Pompéia
por condescendência a Vítor Emanuel
e atenção ao Papa Pio 11.”

(*op. cit.* 46)

A conclusão do poema é uma demonstração de fé, que a sua alma de rapaz católico teve veladamente. Para equacionar o problema social brasileiro é necessário ir a Cristo. De Cristo vem a resposta para nós, através da Cruz, cujo sinal está escrito nos nossos céus. Para sentir a palpitação da dinâmica é imprescindível transcrevê-lo:

“O homem vai chegando à Palestina
e a primeira coisa que ele vê
no cume sacrossanto do Calvário
é um Deus padecendo entre dois homens

E o homem sentindo dentro dalma uma angústia
[infinita
por si que anda sozinho à procura de pão,
pela esposa fiel, companheira de amor,
pelos filhos que ficaram chorando e com fome e
[com sede,
o homem sentindo outro Cristo a morrer dentro
dalma
fala ao filho de Deus que está na cruz:

“ — Amigo, perdoa-me se mal pergunto,
ignoro os costumes desta terra, que de outras terras
[venho,
mas francamente é esquisito,
porque é que te pregaram neste lenho?”

E esperou a resposta mas Jesus não falou.
Dos seus olhos extraordinários e divinos
rolaram uma-a-uma cinco lágrimas
e apareceu no céu o cruzeiro do sul...”

(*op. cit.* 48)

“PROCISSÃO DOS PASSOS” é uma nota de irreverência do autor. Confunde piedade com folclore. Mistura as vozes de um papagaio com o canto religioso de uma procissão de passos... Chega até a escrever isso, que muito ia na-quele seu gênio alegre e folgazão:

“— Currupaco, papaco
a mulher do macaco
ela bebe ela fuma
ela toma tabaco,
ela come na cuia
ela mija no caco!

Currupaco, papaco.”

(*op. cit.* 51)

E há um coro que ainda responde “AMÉM!”, a onomatopéia do animal.

Com o soneto “PARA SEMPRE, AMÉM” — Sinobilino encerra seu livro. Talvez, saudoso das formas clássicas, compôs o quatorzeto obedecendo as normas tradicionais. O poeta, quando criado no ambiente clássico, não o esquece, mesmo que excursione por novas plagas. É o que ocorre, entre nós, com Filgueiras Lima, cujo três últimos grandes sonetos,

— sobre o Padre Antônio Tomaz, as bodas de ouro de seus venerandos pais e a morte de seu ilustre pai, são três decassílabos, ajustados e solenes.

Tenho que Sinobilino se deixou levar por idêntico fenómeno psicológico. Daí, pois, esse belo soneto de última página. O poema tem rimas muito bem escolhidas e é todo preso por hemistíquios e encadeamentos, o que lhe dá o aspecto de unidade e descrição. Trata-se de um conselho que dá a própria alma e visa o velho tema que sempre o preocupou — a Dor humana, de que faz até a apologia, no “FRAGMENTOS”: “Amo-a porque ‘não há dor para sempre estéril, quando sinceramente amada de quem a sofre’.” — Usando um pensamento de Pascal. Por isso, borrifado do suave odor de brando lirismo, conta o soneto:

“Vai, minha alma, trilhando esses caminhos
que outras almas trilharam, essa estrada
cheia de pedregulhos e de espinhos
e por um sol ardente causticada.

Encontrarás ao longo da jornada
homens sem fé e pássaros sem ninhos,
órfãos chorando, esposa abandonada,
e a dor e o luto do prazer vizinhos.

Lembra-te então, oh! alma caminheira,
de que a um poeta pertenceste, e envia
a todo desgraçado que encontrares

a bênção de um sorriso — derradeira
moeda de quem, triste e pobre, um dia
foi barco sem piloto ao léu dos mares.”

(*op. cit.* 61)

FRAGMENTOS

Certa vez, Sinó pediu-me emprestado o "Pensées" de Pascal. Tenho o volume, agora, transformado em relíquia para mim, pois suas páginas voltaram-se assinaladas e anotadas por ele, do próprio punho.

O orador das massas, o orador que eletrizava com os seus arremessos de improviso, que já ia impressionando os grandes, começava o movimento de introspecção, de estudo, de biblioteca.

O jovem discípulo de Jackson e Tristão embrenhava-se, com sua inteligência, nos meandros da filosofia. Daí, *FRAGMENTOS*. É uma brochura de 47 páginas, impressa na Editora Fortaleza, que pertencia, àquele tempo, ao Sr. Martins Filho, atual Reitor da Universidade do Ceará. No *INTRÓITO*, esclarece que o opúsculo é o seu discurso de posse no Centro de Iniciação Cultural, "que se transformou, mais tarde, em Centro Cearense de Cultura". O poeta tanto queria introverter-se que desfraldou a bandeira do pensamento de AXEL MUNTHE, no topo da sua oração-biografia: "O manancial da sabedoria brota em nós na silenciosa profundidade das nossas ideias solitárias e dentro dos próprios sonhos. A água dessa fonte é clara e fria como a verdade, e o sabor, amargo como a dor."

A alma do moço tinha ânsia de silêncio e de meditação. Procurou um Centro de Cultura, que lhe fomentasse o gosto de saber. E procurou um sodalício de jovens como ele. Suas palavras são claras e precisas, com muita lógica e bom senso, postas num estilo sóbrio e simples, sem arrebatamento retórico, muito embora seja um discurso. A linguagem é um pouco insegura, ainda, com pequenos senões, que nasceram, de certo, da maior atenção pelo fundo da matéria.

Naquele decênio dos trinta, mais atendíamos o argumento, que o floreio retórico. Após o exórbio, entra de cheio no corpo principal do discurso, que é a homenagem a seu grande e excepcional amigo, diácono José Rufino de Aquino, robusta expressão de tomista, no Seminário da Prainha.

Foi esse moço quem o encaminhou, não só na marcha intelectual, como também, no morai, dando-lhe orientação necessária para atingir objetivos e glória, que iria alcançar, se não fosse colhido tão de afogadilho pelas Parcas.

“Dele herdei, principalmente, esse desejo incontido de saber, essa vontade de sentir o bafejo perfumado da verdade, o hálito saudável da Beleza, e o contato miraculoso da Perfeição.” (*op. cit.* 20)

“Dele herdei, o conhecimento de quem foi para os moços espiritualistas do Brasil, amoroso e bom, o pai pela inteligência — JACKSON DE FIGUEIREDO”. (*op. cit.* 20).

De fato. A partir da época da sua conversão, JACKSON DE FIGUEIREDO desenvolveu, no Brasil, uma intensa atividade de apostolado pelótico e religioso. Despertou vontades, reagiu de frente, contra o agnosticismo e o sentido liberal da vida, que dominava a sociedade brasileira, consequência do regalismo do Império e do Positivismo da República.

Suas obras principais — “Reação do Bom Senso”, “Coluna de Fogo”, “Afirmações”, “Do Nacionalismo na Hora Presente”, etc., — constituem viva documentação sobre o tempo do após guerra de 1914. Foi esse sociólogo quem influenciou, tanto no campo especulativo, quanto no sentimental, no ânimo de Sinobilino Pinheiro, que este chega a declarar: “Os seus trabalhos políticos e sociológicos, li-os todos, e não somente os li, assimilei-os também, impregnei-me do seu conteúdo e, a seu exemplo, entrei de cheio no borborinho da massa ignara.” (*op. cit.* 23)

Adiante, na sua oração, ainda confessa, mais explicitamente: “E, sentindo-me, em grande parte, na maior parte, um produto das idéias de Jackson, só tenho a lamentar, hoje em dia, não haver a Providência Divina antecipado de mais alguns anos o meu aparecimento cá na Terra, a fim de conviver com aquele que foi o Mestre por excelência de minha primeira formação.” (*op. cit.* 25).

Depois do autor de AEVUM, foi Pascal o grande inspira-aquela sua constante inquietude de subir, de saber, de fazer dor de Sinó. Leu e releu o “Pensées” do filósofo francês, com

luz em volta de si. Diz que foi o pensador de PORT ROYAL o consolidador de sua fé, do seu catolicismo.

Sinobilino era rapaz de “temperamento revolucionário e ríspido” como ele próprio confessou. Não quiz, portanto, basear a sua fé, nos moldes da de um camponês bretão, nem esteá-la nos livros de ascética. Consolidou-a no argumento filosófico, e só uma inteligência e boa vontade como as dele não se haviam de emaranhar no perigo sutil do pensador que deu mão à heresia de PORT ROYAL. Graças porém que justamente o contrário se deu: “Pascal estrangulou-me a tibieza e me fez mais crente e mais fervoroso”. (*op. cit.* 31) Fala, com muita expressão sobre a Dor. Não é uma dor poética, um mero sentimentalismo prosaico, sinête dos românticos. Talvez essa busca da perfeição, essa inadaptação das grandes almas, ao seu tempo... “E, de fato, a minha Dor nem foi e nem é estéril de forma alguma”. (*op. cit.* 32). Dai, porque, esse sentimento misterioso, que prende e reergue corações, está visivelmente disseminado nos seus livros de verso, o que lhes dá, conforme opiniões de pessoas de mérito, uma fisionomia marcante e significativa. “... transformei todas as minhas angústias, todos os meus desejos não correspondidos, todos os meus sonhos aniquilados, todas as minhas aspirações incompreendidas, todos os meus castelos pulverizados, não somente em um, mas em muitos poemas, que aparecerão de público, brevemente, sobre o título de *Xerém*.” (*op. cit.* 33).

Cruz e Sousa constituiu para o autor de Evangelização uma expoente. Toda a sua vida foi uma amargura só, ferido e chagado nas cruces de seus sofrimentos, por ser incompreendido, bem podia dar ao moço cearense lição de heroísmo e (pois a dor levou-o a uma aspiral ascendente) através da sua temática poética, como simbolista e espiritualista.

“E direi apenas que ele (Cruz e Sousa) foi para mim o bastão moral a sustentar-me, a amparar-me nos desfalecimentos, nas cobardias a que estamos sujeitos pelo conhecimento das misérias humanas.” (*op. cit.* 33).

Assim, Pascal e Cruz e Sousa iluminaram a trajetória do poeta incipiente, do moço que se ia fazendo, a golpes de

tenacidade e estudo, uma fulgente esperança para as letras cearenses. A Providência houve por bem, nessa época, retirar do cenário do mundo, brilhantíssimas culturas, como Jackson de Figueiredo, Carlos de Laet, e uma plêiade de adolescentes espiritualistas, no Ceará, como Haroldo Torres, José Pires de Saboia, José Rufino de Aquino, Francisco Marinho, Sinó Pinheiro — perdas essas que abriram claros imensos nas nossas esferas culturais e católicas. Saliento a pessoa desse último, que, dentre os que o acompanharam no túmulo, revelou-se possuidor de maior cultura. O simbolista, o pascalino, o jacksoniano deixou trabalho pequeno, em número, é verdade, mas que já era uma mensagem, pelo qual o Ceará pode envaidecer-se de ter entre seus jovens aêdos, o nome de Sinobilino Pinheiro Maia na afirmação de Gastão Justa. Florival Seraine escreveu: “Belíssimos passos descobro nessa obra, que, por si sós, recomendariam a sua sensibilidade e promissora inteligência”. E o “O Malho” do Rio de Janeiro externou-se: “Muito volume bonito que anda por aí não vale nem a décima parte deste livro de feitio pouco convincente. Paga bem o tempo gasto na sua leitura. Não decepciona: ao contrário, surpreende agradavelmente.”

E dizer-se que esse adolescente está esquecido pela cultura cearense! Nem a herma, que lhe prometeram à memória, nem seu nome em uma rua de Fortaleza, nada se concretizou ainda. Parece que o Ceará traz nos ombros mártires tanta glória, que deixa perder-se, como raios de sol no zênite, focos de luz irisante.

Presto, assim, neste pobre estudo, minha homenagem de amigo à lembrança gloriosa de Sinó Pinheiro. Fique o que escrevo como documentário do que foi ele e do que produziu, para que não caia em olvido injusto aquele que, no seu tempo, foi orgulho da mocidade do Ceará.